

## Relações de amor e de gênero em Nelson Rodrigues

Viviane Soares Fialho de Araujo  
(Mestranda em Letras Vernáculas (Literatura Brasileira) / UFRJ)

### Resumo

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre as relações de gênero presentes no romance *O casamento* (1966), de Nelson Rodrigues. Para este propósito, discutir-se-ão as imagens do feminino, do masculino, do casamento e do amor contidas nesta obra. Deseja-se verificar como o romance, único dos nove escritos não publicado originalmente em jornal, contribuiu para a produção de imagens que divulgavam formas de pensar as relações amorosas e de gênero demarcando os papéis sociais destinados ao homem e à mulher na sociedade do Rio de Janeiro da década de 60.

\*\*\*

Para este trabalho levaremos em conta uma análise que valorize as relações humanas contidas no romance “O casamento”, de Nelson Rodrigues. Lançado em 1966, único dos nove romances que fora publicado originalmente em livro, os demais foram publicados em jornal, no formato folhetim e sob pseudônimos femininos de Suzana Flag e Myrna.

A obra narrativa de Nelson Rodrigues foi omitida da historiografia e crítica literária por muitas décadas e a justificativa pode-se encontrar no desafio às regras da moral e dos bons costumes vigentes na época com a apresentação de personagens, sobretudo femininas, povoadas por desejos socialmente inaceitáveis e inconfessáveis num Brasil moderno dos anos 40, 50 e 60. É interessante ressaltar que nesse momento de escritura da obra a sociedade ocidental ainda não havia passado pelas revoluções das ditas minorias, que tiveram como propósito a liberdade e além do mais vivíamos no Brasil sob regime de governo ditatorial e que previa a censura de obras que “atentassem contra a organização da família” – tal como foi acusado o romance *O casamento* censurado durante o governo de Castello Branco.

Como método para esta análise pretende-se realizar uma análise literária das relações de gênero contidas na obra através dos vínculos estabelecidos entre os personagens. A categorização de gênero se faz necessária quando se pensa as relações de poder constituídas a partir das diferenças percebidas entre os sexos, pois o gênero é um campo onde no interior do qual o poder é articulado e simbolicamente organizado.

A consagração de Nelson Rodrigues como inovador na temática e na linguagem teatral mereceria o mesmo mérito nas obras narrativas. O autor fora considerado por alguns eruditos como deflagrador da estética do “mau gosto” por seus extravasamentos e repetições de temática. Nos escritos ficcionais de Nelson não faltavam, “bem ao gosto popular”, como diriam uns, relações amorosas conturbadas, povoadas por relações incestuosas, traições, crimes passionais, suicídios e mortes violentas. Para Sabato Magaldi, “o melodramático dos textos rodrigueanos corresponde à permanência de uma estética popular, que vai da oratória e da frase feita à chanchada.” De acordo com o próprio autor, Nelson escreve em artigo para a revista de crítica teatral *Dionysos*<sup>1</sup>:

Como explicar de outra maneira o tom dos debates, a violência, a paixão por vezes obtusa, os desaforos? (...) Como autor, fiquei à margem de tudo. Não articulei uma frase, não usei um contra-argumento. E, no entanto, muitos dos críticos eram de uma fragilidade de meter dó.

Eu poderia alegar, a favor de *Álbum de família*, várias coisas, inclusive que para fins estéticos, tanto fazia um, dois, três, quatro, cinco incestos ou meia dúzia.

Podiam ser duzentos. Na verdade, visei um certo resultado emocional pelo acúmulo, pela abundância, pela massa de elementos.

(...)

Ser autor de tema único não me parece nem defeito, nem qualidade, mas uma pura e simples questão de gosto, de arbítrio pessoal. Por outro lado, um autor que volta a um assunto, só se repete de modo muito relativo. Creio mesmo que não se repete nada. Cada assunto tem em si mesmo uma variedade que o torna infinitamente mutável. Sobre ciúme o autor poderia escrever 250 peças diferentes, sendo duzentos e cinqüenta vezes original. Sobre o amor também. Sobre a morte, idem.

De acordo com Magaldi, pode-se dizer que na obra de Nelson há uma “ruptura do pacto da normalidade”. As questões advindas das imbricadas relações humanas referentes à fragilidade dos laços nupciais, às relações parentais e à tenuidade das fronteiras entre ódio-amor e vida-morte presentes nas obras dramatúrgicas comparecem nas obras narrativas e, como todo gênio que está à frente de seu tempo, nos dias de hoje figuram como temáticas nos estudos contemporâneos históricos, antropológicos e psicanalíticos acerca da família, das relações humanas e do inconsciente. Magaldi atesta sobre o fazer de Nelson Rodrigues:

Desmascaradora sondagem da criatura humana, na obra do trágico. Por meio da linguagem límpida, sucinta, vibrátil, e da capacidade de expor

---

<sup>1</sup> RODRIGUES, Nelson. Teatro desagradável. In: *Dionysos*, Ano I, nº 1.

os desvãos menos confessáveis de suas personagens, Nelson abriu caminho para todos os dramaturgos surgidos nas últimas décadas.

É certo que a estética do “exagero” se encontra presente também no romance *O casamento*, entretanto a temática da trama situa-se numa ambiência mais verossímil à nossa realidade atual do que as obras dramatúrgicas, embora temporalmente nos afastemos nos dias de hoje por quase meio século.

O enredo do romance se concentra às vésperas de um casamento, do casamento de Glorinha, a filha mais nova das quatro de Sabino, o bem sucedido diretor-presidente de uma imobiliária situada na cidade do Rio de Janeiro. Tudo se processaria “como manda o figurino” se a narrativa não fosse povoada de realizações de desejos não moralmente aceitos das personagens, cabendo ao narrador o desmascaramento destes desejos, mas sem todavia criticá-los ou emitir juízo de valor a respeito deles. A realização e a não realização da sexualidade permeiam a temática da obra. As preocupações giram em torno de questões relacionadas ao desejo sexual, como homossexualismo masculino e feminino, adultério, castidade, masturbação, celibato, exercício de poder e dominação sexual e no grande mote do incesto. As personagens são condenadas e punidas se fogem à moral sexual imposta como norma, se se deixam se dominar por seus impulsos.

De acordo com Foucault<sup>2</sup>, em seu estudo sobre a sexualidade, a repressão sexual sempre houve, temos notícia de proibições desde a época clássica, entretanto defende a idéia de que a interdição que permeia o uso da sexualidade “é o elemento fundamental e constituinte a partir do qual se poderia escrever a história do que foi dito do sexo a partir da Idade Moderna”. De acordo com o autor, a sexualidade passa então a ser policiada “a partir da necessidade de regular o sexo por meio de discursos úteis e públicos e não pelo rigor de uma proibição”.

A sexualidade explícita nos textos do “anjo pornográfico”, ou machista, ou reacionário, como ficou conhecido o autor, decorreu na proibição de veiculação da obra *O casamento* e na reprovação da crítica ainda fundamentada em um “regime vitoriano calcado na moral e nos bons costumes”. Os romances e contos de Nelson não tiveram boa recepção e aceitação por parte da crítica por tratarem explicitamente, “sem nenhum

---

<sup>2</sup> FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*; tradução de Maria Thereza Costa Albuquerque e J. A. Guilhon de Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Global, 1977.

pudor”, de um tema tratado no Brasil moderno de 40, 50 e 60 com muito cuidado, que é a nossa sexualidade “contida, muda e hipócrita”, de acordo com Foucault.

Para o antropólogo Gilberto Velho, encontra-se na cultura o poder da coerção social sobre os indivíduos e as próprias regras básicas da constituição da cultura e da sociedade obedecem a um poder de coerção social. As personagens dos enredos de Nelson Rodrigues confrontam-se com sua sexualidade e seus interditos fazem parte de mecanismos inconscientes e aliados às suas “vontades”. De acordo com Freud, interdito com origem nas reminiscências arcaicas do inconsciente e, para Jung<sup>3</sup>, a transmissão que se dá via “inconsciente coletivo”, a parte da psique que conserva e transmite a herança psicológica comum da humanidade.

O tempo da narrativa antecede as 24 horas do casamento da filha preferida de Sabino e por meio de muitas digressões do narrador tem-se acesso ao tempo passado, e vários acontecimentos remotos são narrados, possibilitando a construção do perfil de várias personagens. A narrativa é construída de maneira que pensamentos repentinos das personagens, como manifestos por raiva ou medo, ou mudança no curso das ações ou dos desejos, são entremeados no discurso do narrador.

Figuras socialmente respeitáveis e sacralizadas como padre e médico são desconstruídas nesta narrativa como humanos e portadores de desejos. O ginecologista, doutor Camarinha, desde o capítulo 1 já apresenta “conduta moral duvidosa”, de acordo com o narrador, e nutre desejos sexuais por Glorinha, sua paciente, e pensa mesmo em violentá-la sexualmente.

Como denúncia da marca da violência presente na sociedade carioca dos anos 60, no capítulo 21 Dona Noêmia, a secretária de Sabino, apaixona-se depois de um encontro íntimo entre os dois. Por “solicitação” de Sabino para que a secretária comparecesse a um encontro num quartinho alugado por ele, como eram comuns os encontros sexuais numa época em que ainda não existiam os estabelecimentos denominados motéis, típicos para encontros desta natureza, o encontro no ambiente de trabalho entre os dois é de natureza agressiva e marca não somente a violência de gênero, como também a tensão na relação patrão-empregado, marcada por relação de poder. Em diálogo tenso e violento entre patrão e empregada, o desejo sexual que o pai

---

<sup>3</sup> JUNG, Carl. *El hombre y sus símbolos*; traducción de Luis Escobar Bareño. Madrid: Aguilar, 1978.

nutre pela filha que vai se casar vem à tona como um ato-falho, sugerindo a manifestação de um desejo recalcado.

No capítulo seguinte, o advogado Sabino se acalma com a chegada da filha ao seu escritório, e, neste momento, a confirmação dos desejos amorosos pela filha se confirmam nas palavras minuciosamente escolhidas pelo narrador:

Apertou-a no peito, como num adeus. Como se o casamento, no dia seguinte, fosse a morte da filha. Beijou-a muitas vezes, na face, na testa, na orelha (pela primeira vez, a beijava na orelha). Passou a mão pelas suas costas. E quase, sem querer, ia acariciando as nádegas.

Desprende-se da filha:

- Fez o cabelo?

- Gostou?

- Uma beleza!

- Vim do cabeleireiro para cá.

Numa angústia que era uma delícia, agarrou-a pelos dois braços. E disse:

- Menininho!

Havia entre os dois uma linguagem de diminutivos, mas era a primeira vez que ele a chamava de “menininho”. Não menininha, não menina, mas menino. Com certas mulheres, o ato sexual é uma mijada.

(...)

Sabino já não se lembrava mais de Noêmia. E tinha medo de que Glorinha o estivesse achando carinhoso demais. Mas quem seria a menina que ficara nua para o monsenhor? Ainda agora, com a filha nos braços, deslizara a mão pelas suas costas. Se chegasse até as nádegas, e se acariciasse, qual seria a reação da menina? Imaginou a menina, não como filha, mas como fêmea, fêmea nova.

No capítulo 23 tem-se a consumação do ato incestuoso entre o pai e a filha depois de muitos jogos sensuais entre os dois em uma praia deserta. Como que se não conseguisse dar conta de seus desejos, depois de acreditar correspondido pelos amores da filha, que não apresenta ingenuidade em seu comportamento e o leva para um espaço longínquo e propício para a realização de uma ato proibido, dá asas a eles:

- Minha filha, olha. Eu não gosto de sua mãe. Não gosto. Não é isso que você queria saber? Não amo sua mãe.

- Continua, continua.

Sabino não reconhece a própria voz:

- Tenho pena, uma certa pena. Mas não é amor.

(...)

Súbito, agarra a menina. Dá-lhe um violento beijo na boca. Glorinha foge do novo beijo:

- Não, não!

Ele está perdido:

- Glorinha! Glorinha!

Nestes capítulos escolhidos temos a violência representada e ficcionalizada na narrativa e reconhecemos a obra como um inventário e instrumento de denúncia das relações de gênero presentes na sociedade de uma época. De acordo com o pesquisador Victor Hugo Pereira, os fundamentos de valores de nossa sociedade são postos em xeque por Nelson Rodrigues, “constantemente, pela demonstração de que os comportamentos do ser humano não podem ser reduzidos a fórmulas estreitas” (p.145).

A partir da análise do texto, pode-se concluir que o desprezo da crítica literária (na época em que foram lançados) em relação aos textos narrativos de Nelson se deveu, sobretudo, aos estereótipos criados em torno do escritor e de seus textos. Além de ser cassado pela censura, Nelson Rodrigues foi vítima de preconceito por parte dos assustados e moralistas críticos literários desejosos de assistirem a reproduções temáticas e de estilos europeus.

Defendemos a hipótese de que Nelson Rodrigues foi um homem “à frente de seu tempo” e por conta disto fora incompreendido e mal interpretado pela crítica. Nos dias de hoje, os textos de Nelson começam a serem vistos por uma nova perspectiva e sua obra vem ganhando relevância nos estudos literários. Questões relacionadas aos meandros do funcionamento da sociedade, como tabus em torno da formação da família e da sexualidade humana (sobretudo da mulher), comparecem na obra de Nelson e hoje adquiriram uma significação outra. Fatores como a dita liberação sexual na década de 60, a contemporânea desagregação da família nuclear e o reconhecimento através de custosas (porque antes eram emudecidas e as aparências mantidas) denúncias e estatísticas de que o lar se constitui em um espaço de uso da violência, possibilitaram a discussão por parte de especialistas em relação a estas discussões sociais.

Por conta desta nova perspectiva em torno destas temáticas levantadas por Nelson Rodrigues, acreditamos que sua relevância enquanto romancista e contista vêm adquirindo outra importância na academia e, conseqüentemente, alterando a opinião da crítica literária atual. Desejamos com este trabalho continuar com as investigações em torno da obra narrativa de Nelson Rodrigues e nos juntar ao grupo que vem se esforçando para que o mérito seja dado não somente às obras dramáticas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

DOR, Jöel. *O pai e sua função em psicanálise*; tradução de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1991.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*; tradução de Maria Thereza Costa Albuquerque e J. A. Guilhon de Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Global, 1977.

GRAMSCI, Antonio. *Literatura e vida nacional*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968.

GUIDARINI, Mário. *Nelson Rodrigues: flor de obsessão*. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 1990.

JUNG, Carl. *El hombre y sus símbolos*; traducción de Luis Escobar Bareño. Madrid: Aguilar, 1978.

KITTO, H. D. F.. *A tragédia grega*; tradução de José Manuel Coutinho e Castro. Coimbra: Arménio Amado, 1990. 2v

LÉVI-STRAUSS, Claude. *As estruturas elementares do parentesco*; tradução de Mariano Ferreira. Petrópolis, Vozes; São Paulo, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1976.

LINS, Ronaldo Lima. *O teatro de Nelson Rodrigues: uma realidade em agonia*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979. 2ª ed.

MAGALDI, Sábato. *Nelson Rodrigues: dramaturgia e encenações*. Editora Perspectiva/Editora da Universidade de São Paulo: São Paulo, 1987.

PATE NUÑEZ, Carlinda Fragale. *Electra ou uma constelação de sentidos*. Goiânia: Ed. Da UCG, 2000.

PEREIRA, Victor Hugo Adler. Nelson Rodrigues e o realismo psicológico. In PATE NUÑEZ, Carlinda Fragale. *Letras em tese*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

PEREIRA, Victor Hugo Adler. *Nelson Rodrigues e a obs-cena contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

REUTER, Yves. *A análise da narrativa: o texto, a ficção e a narração*; tradução Mario Pontes. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

RODRIGUES, Nelson. *O casamento*. Editora Guanabara, Rio, 1966.

-----. *A vida como ela é...: O homem fiel e outros contos*; seleção de Ruy Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

-----. *A coroa de orquídeas e alguns contos de A vida como ela é...*; seleção de Ruy Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

ROUDINESNO, Elisabeth. *A família em desordem*; tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

SODRÉ, Muniz. *Teoria da literatura de massa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

STEGAGNO PICCHIO, Luciana. *História da Literatura Brasileira*. 2 ed. rev. e atualizada. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.

SZONDI, Peter. *Ensaio sobre o trágico*; tradução de Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

VELHO, Gilberto. Literatura e desvio: Proust e Nelson Rodrigues. In: -----. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.